

O DESCONFORTO DE REICH DIANTE DA CONFIGURAÇÃO DE UMA PSICANÁLISE CULTURALISTA

Georgina Martins
Maria Cecília Cotecchia

Não pretendemos defender ou criticar os caminhos seguidos pelo percurso da teoria psicanalítica. Propomos apenas uma reflexão acerca da possibilidade de ter ocorrido um rompimento teórico entre as perspectivas de Reich e a psicanálise. Iremos nos aproximar de alguns pressupostos dessas teorias para mostrar o que Reich denominou como impossibilidade de permanecer compartilhando das idéias de Freud. Buscaremos elucidar, que esta inviabilidade diz respeito à formulação freudiana da existência de um mal-estar inevitável no processo civilizatório.

Entretanto, não podemos deixar de mencionar que, embora o pensamento freudiano não tivesse a pretensão de resultar em uma prática terapêutica diretamente voltada para o corpo, o seu desenvolvimento teórico e prático foi de fundamental importância como base para um grupo de terapias corporais posteriores, cuja origem é a obra de Wilhem Reich¹. Assim, supomos importante para todas as correntes advindas da base reichiana compreender o início e construção de seus pensamentos e conflitos.

Para Reich, a teoria freudiana inaugura a concepção de uma sexualidade biológica e material, em oposição ao pensamento metafísico que dominava a moral, ciência, psicologia e outros campos que se dispunham a estudar a natureza humana. Reich aponta para o fato de que, apesar dos esforços em elaborar uma teoria inovadora, a psicanálise não se desvincula por completo, da antítese entre sexualidade e cultura². Segundo o seu ponto de vista, na medida em que a teoria tornou-se mais elaborada, vai se distanciando de seu princípio original, apresentando-se cada vez mais culturalista.

Conforme nos mostra o pensamento reichiano, a psicanálise freudiana atribuiria à repressão sexual a característica de ser uma condição *sine qua non* para a formação e sustentação da cultura³. Desta forma, a agressividade mantém-se controlada, não

¹ LOWEN, A. (1977) *O corpo em terapia: a abordagem bioenergética*. p.22

² REICH, W. (1979) *A revolução sexual*. p. 41 e 42

³ ROUANET, S. P. (1986) *Teoria crítica e psicanálise*. p.29. Segundo o autor: “Se a teoria de Reich sobre a dinâmica da gratificação genital e da sublimação de impulsos parciais e agressivos é correta, segue-se que o pessimismo cultural de Freud é injustificado. Pois este via na civilização o fruto da renúncia pulsional do indivíduo, e somente a este preço era possível a vida social.”

colocando em risco a existência humana. Paralelamente, ocorreria a sublimação da energia sexual, como fonte dinâmica de crescimento e progresso cultural⁴. Freud, através de sua pesquisa dos mecanismos psíquicos, constatou que o inconsciente guarda excitações impulsivas anti-sociais, que deverão ser inibidas em prol de uma série de processos sublimatórios que possibilitariam uma melhor adaptação do indivíduo ao seu contexto social e à criação de instituições e padrões civilizatórios. Esta observação pode ser encontrada no seguinte trecho da obra reichiana:

Freud defendia o ponto de vista cultural filosófico de que a cultura deve seu aparecimento à repressão impulsional, ou seja, à abstinência impulsional. O que também procurou demonstrar no problema da invenção do fogo. A idéia básica é que as conquistas culturais são sucessos de energia sexual sublimada, donde se depreende que a repressão sexual constitui fator indispensável de qualquer formação de cultura.⁵

A proposta freudiana de abstenção da energia impulsional apresenta uma contradição importante a ser analisada. Por um lado, a perspectiva de Freud resulta em um mecanismo adaptativo e criador da cultura, tornando o sujeito capaz de conviver socialmente. Entretanto, ao mesmo tempo, ocorre uma substituição da satisfação dos impulsos sexuais pela neurose. O resultante deste processo, em algum momento, acaba sendo a dificuldade deste indivíduo em conviver de forma adequada. Logo, a contenção energética, que inicialmente serviu como fonte para a formação comunitária, volta-se contra o próprio sujeito que passa a assumir um caráter anti-social. Reich, afirma que este fato impossibilita a criação de formas mais desenvolvidas de cultura e sociabilidade.

A neurose, segundo o pensamento reichiano, estaria relacionada à perturbação da libido genital⁶. A repressão da genitalidade provoca o represamento da pulsão sexual que afeta a sua potencialidade energética, prejudicando a sua capacidade de satisfação sexual e de interação social. A realidade da vida comunal está atrelada aos objetivos do amor, pois como afirma Reich, “em conseqüência das condições de vida fisiológicas, psicológicas, sociais e biológicas, a genitalidade é a única de todas as pulsões que pode preencher a função do princípio de realidade no amor”⁷. Somente com o livre fluxo dos impulsos genitais, podemos pensar numa possibilidade não patológica do psiquismo humano e a satisfação plena da convivência do homem em sociedade.

⁴ REICH, W. (1988) *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. p. 249.

⁵ REICH, W. (1979) *A Revolução sexual*. p. 42.

⁶ ROUANET, S. P. (1986) *Teoria crítica e psicanálise*. p.28.

⁷ REICH, W. (s/d) *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. p. 250.

O processo patológico é decorrente da repressão das pulsões parciais na infância, que leva à fixação dos impulsos pré-genitais. A libido fixada em alguma das primeiras fases do desenvolvimento psicosssexual provoca uma disfunção na mobilidade do organismo, não permitindo que esta pulsão venha a juntar-se à libido genital. Desta forma, a gratificação genital passa a ceder sua plenitude orgástica para a satisfação da demanda erótica das pulsões parciais. A resultante desta abdicação genital será a incapacidade de uma descarga efetiva da tensão sexual⁸.

quanto maior o dano causado à sua potência genital, tanto mais se eleva a desproporção entre a necessidade e sua capacidade de satisfação. Isso por sua vez aguça mais a pressão moral que se torna necessária para reprimir as quantidades impulsivas armazenadas. Já que todo o conflito, em seus aspectos mais importantes, é inconsciente, incompreensível para o interessado, de modo algum ele poderá resolvê-lo por si só.⁹

Segundo a teoria reichiana, é necessário que ocorra o processo sublimatório como gratificação pulsional. Porém, a libido genital não pode ser sublimada: “segue-se que somente as pulsões pré-genitais são susceptíveis de sublimação.”¹⁰ O processo fundamental para uma vida psíquica sadia na perspectiva de Reich inclui a sublimação da agressividade destrutiva e das pulsões pré-genitais que foram desviadas dos objetivos auto-eróticos. Tais pulsões, quando não seguem o seu fluxo natural, tornam-se geradoras de comportamentos sexualmente alterados que levam ao desajustamento social¹¹. Torna-se primordial que ocorra a gratificação genital, através da descarga orgástica periódica. Isso permite ao organismo que se utilize dessa energia genital não sublimada para estabelecer relações ternas com o objeto. Além disso, propicia que esta canalização energética possa revigorar as demandas do processo sublimatório das pulsões pré-genitais e da pulsão agressiva¹².

Na genitalidade, proposta por Reich, encontramos uma crítica aos conceitos morais que constituem a sociedade capitalista. A elaboração de um conceito “utópico de genitalidade” pressupõe um contraste drástico com os preceitos vigentes na ordem social. Reich acredita que:

⁸ ROUANET, S. P. (1986) *Teoria crítica e psicanálise*. p.28.

⁹ REICH, W. (1979) *A Revolução sexual*. p.36

¹⁰ ROUANET, S. P. (1986) *Teoria crítica e psicanálise*. p. 28.

¹¹ REICH, W. (s/d) *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. p. 251.

¹² Cf. *Ibid.* p. 251.

“Mas, no momento atual, tudo isso é ainda utópico. Infelizmente, os ensaios sobre a química sexual ou são do domínio da ficção, ou continuam ainda no impasse dos preconceitos de origem afetiva: a via que a psicanálise indica para a fisiologia das neuroses encontra-se obstruída por um tabu. Resta-nos a esperança de virmos a eliminar radicalmente os preconceitos sociais que atingem a sexualidade.”¹³

Reich infere que neste modelo o Superego, que retira sua força das repressões vividas, na infância, como resultado da passagem pelo complexo edipiano, perde sua função punitiva. Nesta “genitalidade”, a vivência do Édipo ocorre desvinculada da repressão esperada pelos mecanismos sociais. Logo, esta instância de transmissão dos valores morais inibidores torna-se enfraquecida. A fantasia neurótica que permite ao sujeito alucinar um mundo imaginário para suportar a angústia existencial vai se mostrar desnecessária. A plenitude orgástica possibilita uma consciência genital que se opõe às ilusões ideológicas propostas pelo modelo repressivo¹⁴.

¹³ Cf. *Ibid.* p.264.

¹⁴ ROUANET, S. P. (1986) *Teoria crítica e psicanálise*. p.31.

REFERÊNCIAS

LOWEN, A. **Corpo em terapia: a abordagem bioenergética**. 4^a ed. São Paulo:

Summus Editorial, 1977.

REICH, W. **A revolução sexual**. 5^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Psicopatologia e sociologia da vida sexual**. São Paulo: Global Editora,

s/d.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,

1986.
